

Mocidade Alegre: uma experiência no carnaval de São Paulo

Fernando Estima de Almeida ¹

Maristela de Souza Goto Sugiyama ²

Por ti darei a minha vida escola querida
Sempre honrarei as cores do seu pavilhão
Ah... Já foram tantos carnavais
Ah... São tantos bambas imortais
Tú és orgulho dos sambistas nessa jornada
Lugar aonde o samba fez a sua morada
Sempre irei te amar
Deixe quem quiser falar
Só sei que o meu peito irradia
Quando ouço minha bateria
E vejo o povo cantando
Chegou a nova campeã
Lá vem ela
Pra deslumbrar a passarela
Mocidade Alegre é a escola do meu coração
Ôô... Ôô...
Abram alas que a mocidade chegou.

(Hino Oficial do Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba - GRCES MOCIDADE
ALEGRE³)

¹ Fernando Estima de Almeida é Mestre em Hospitalidade, pela Universidade Anhembi Morumbi e professor e pesquisador do Centro Universitário SENAC – fernando.ealmeida@sp.senac.br

² Maristela de Souza Goto Sugiyama é Mestre em Hospitalidade, pela Universidade Anhembi Morumbi e professora e pesquisadora do Centro Universitário SENAC – maristela.sgsugiyama@sp.senac.br

³ Acesso em www.mocidadealegre.com.br/index.php?id=17

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de analisar duas experiências intrinsecamente relacionadas à cultura brasileira e conseqüentemente ao turismo: visitar uma quadra de escola de samba e assistir as desfiles das escolas de samba no sambódromo. A metodologia utilizada para este trabalho foi uma revisão bibliográfica de autores que escreveram sobre o Carnaval e mais especificamente sobre as escolas de samba, do Rio de Janeiro e São Paulo. Além de entrevistas e visitas a quadra, ensaios e desfiles do Grêmio Recreativo e Cultura Escola de Samba Mocidade Alegre - G.R.C.E.S. O artigo também apresenta questões relacionadas com a hospitalidade e analisa as relações entres visitantes e anfitriões, no cenário da escola de samba.

PALAVRAS CHAVE: Hospitalidade, Carnaval, Escola de Samba, Mocidade Alegre.

ABSTRACT

This article examines two experiences intrinsically related to Brazilian culture and consequently to tourism: visit a samba school space and watch the parade of samba schools in the Sambódromo. The methodology used for this study was a literature review of authors who wrote about the Carnival and more specifically about the samba schools of Rio de Janeiro and São Paulo. In addition to interviews and visits to court, trials and parades Grêmio Recreativo Cultura Escola de Samba Mocidade Alegre. The article also discusses issues related to hospitality and analyzes the relationships between visitors and hosts, in the scenery of samba Schools.

KEY WORDS: Hospitality, Carnival, Samba School, Mocidade Alegre.

INTRODUÇÃO

Uma cena muito comum quando somos anfitriões de turistas estrangeiros é o desejo de apresentar questões relacionadas à cultura brasileira. São inevitáveis as idas a uma churrascaria ou experiências gastronômicas, que incluam feijoada, chope e outros hábitos que consideramos típicos dos brasileiros. Nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, na conversa com os visitantes sempre aparece a ideia de conhecer uma quadra de escola de samba, dependendo do período do ano o convite pode ser estendido para os ensaios no sambódromo ou ao desfile das escolas de samba, no Carnaval.

Este artigo tem o objetivo de analisar duas experiências intrinsecamente relacionadas à cultura brasileira e conseqüentemente ao turismo: visitar uma quadra de escola de samba e assistir as desfiles das escolas de samba no sambódromo. A metodologia utilizada para este trabalho foi uma revisão bibliográfica de autores que escreveram sobre o Carnaval e mais especificamente sobre as escolas de samba, do Rio de Janeiro e São Paulo, as duas cidades que atualmente tem os desfiles das escolas de samba transmitidos pela Rede Globo de Televisão, para todo o Brasil e mais de 200 países pela Globo Internacional. Além de entrevistas e visitas a quadra, ensaios e desfiles do Grêmio Recreativo e Cultura Escola de Samba Mocidade Alegre - G.R.C.E.S. Também buscamos autores que trazem conceitos relacionados com cultura, turismo e experiência.

A escolha do G.R.C.E.S Mocidade Alegre como objeto de estudo para este artigo tem as seguintes justificativas; A Mocidade Alegre é conhecida na cidade de São Paulo, como a Morada do Samba, um título que por si só já chamou a atenção dos autores deste artigo, já que relaciona a palavra Morada com a Hospitalidade e auto-afirma ser a Mocidade um dos redutos do Samba na cidade. Outra questão que chama muita atenção é a gestão familiar da escola e as maneiras como os membros da escola se

tratam; "Família Mocidade Alegre". Além disso, a Escola é dirigida por Solange Cruz, uma das poucas mulheres no cargo de presidente de uma escola de samba e tem uma gestão empreendedora, que fez com que a Escola de Samba, nos últimos oito anos sempre ocupasse os três primeiros lugares, no grupo especial do Carnaval Paulistano. Outro fator importante é percepção da escola de samba com um organismo vivo das questões sociais e culturais brasileiras e no caso da Mocidade Alegre, uma possibilidade de vivência e integração sem preconceitos dos mais diversos segmentos que freqüentam as atividades promovidas por ela.

Para fazer um breve histórico do Carnaval e introduzir o assunto recorreremos a dois autores SEBE (1986) e ARAÚJO (2003). O historiador Hiran Araújo identifica quatro momentos históricos que são paradigmas para as manifestações carnavalescas.

Acredita-se que o Carnaval é uma das festas mais antigas da história e sua origem é envolvida por explicações mitológicas ligadas à figura de deuses e cultos, embora ainda não utilizasse propriamente o nome "Carnaval". Não se pode ao certo precisar seu nascimento, mas se deduz que os primeiros indícios surgiram dos cultos na agricultura e ainda mais prováveis que seu início tenha se dado entre os egípcios.

O Carnaval Originário tem como marco inicial a criação dos cultos agrários e, como ponto final, a oficialização das festas a Dionísio, durante o reinado de Pisístrato na Grécia, de 605 a 527 a.C (ARAÚJO, 2003, p.01).

Os cultos aos deuses tinham basicamente o mesmo propósito, celebrar a fertilidade. Para melhor ilustrar os sinônimos com os rituais carnavalescos vale citar o culto à Deusa Ísis, protetora da natureza, celebrado sempre no período das colheitas abrindo um novo ciclo anual. Conta a lenda que, para o renascimento da natureza, Ísis tornava-se mais provocante e sedutora. Osíris, seu parceiro conquistado, teria o direito de gozar, temporariamente, todos os prazeres presumíveis. Depois de saciado no mais íntimo de seus desejos. Ísis sacrificaria seu amante para que cessasse a turbulência dos dias de prazer. Todos os anos a mesma história deveria se repetir, segundo o ritmo da natureza. (SEBE, 1986, p. 10)

A segunda manifestação carnavalesca desenvolveu-se na Grécia entre os séculos VII a.C e VI d.C, o chamado Carnaval Pagão. Sexo, bebidas e orgias incorporaram-se, definitivamente, às festas que, juntamente com o elemento processional e a inversão de classes, compõem o modelo que alguns autores consideram o fulcro estético e etimológico do Carnaval. (ARAÚJO, 2003, p.08) Dionísio, filho do céu, era temido pela pólis dos Eupátridas devido seu entusiasmo nas causas políticas. Deus da metamorfose e da transformação fora expulso do Olimpo, porém, todo o ano visitava a Grécia na primeira manhã da primavera acompanhado por ninfas, era saudado por seus admiradores com música, dança, vinho, sexo e violência. Pisístrato foi o responsável pela oficialização do culto a Dionísio entre as camadas menos favorecidas, além do incentivo, organizou oficialmente as procissões. a imagem do deus Dionisio era transportada em embarcações com rodas (carrum navalis),e simbolizando que o deus havia chegado a Atenas pelo mar, puxadas por sátiros (semideuses que, segundo pagãos, tinham os pés e pernas de bode e habitavam as florestas), com homens e mulheres nus, em seu interior. Seguindo o cortejo, uma multidão de mascarados, meio a um touro, que depois seria sacrificado, percorria as ruas de Atenas em frenéticas passeatas de júbilo e alegria. A procissão terminava no templo sagrado, Lenaion, onde se consumava hierogamia (o casamento do deus com a pólis inteira em busca da fecundação). (ARAÚJO, 2003, p. 10)

É possível observar no culto ao deus Dionísio as primeiras insinuações do que seriam hoje os desfiles das escolas de samba, com os carros alegóricos e seus adornos, destaques semi-nus e as alas fantasiadas. Para a explicação da festa carnavalesca fica a noção do dionisíaco, da sedutora transformação da rotina diária em favor de momentos de delícia. A transformação do convencional implicava a montagem de um espaço fantástico onde o "não-comum" agia como elemento transformativo e, se delicioso, condenável. (SEBE, 1986, p. 13)

De um modo geral pode se concluir que segundo a mitologia, o Carnaval é a festa em que se completa um ciclo anual. A personificação de um deus ou a oposição de dois reis, um bom e um mal, remete a idéia de uma festa ligada ao sentido da vida. A combinação do culto a fertilidade e as liberalidades sexuais são presenças em todos os rituais. Bebedeiras, muita comida, orgia coletiva, música e dança dentro de um

espaço programado no calendário, permitem ver na anulação da rotina diária, a idéia de renascimento tanto da plantação quanto da alma. O Carnaval Pagão começa quando Pisístrato oficializa o culto a Dionísio na Grécia, no século VII a.C., tornando a festa urbana, e termina quando a Igreja adota oficialmente o Carnaval, em 590 d.C. (ARAÚJO, 2003, p.07).

A terceira grande manifestação do Carnaval deu-se na Europa principalmente nas cidades de Paris, Nice, Roma e Veneza; acredita-se que este seja o modelo que mais se aproxima da festa de hoje, o verdadeiro Carnaval, inclusive no nome.

A quarta e última grande manifestação do carnaval se concentra principalmente no novo mundo, em especial em países com cultura negra atuante como Brasil, O Brasil é a matriz do novo modelo de carnaval, especialmente a cidade do Rio de Janeiro com o seu famoso desfile das Escolas de Samba e o ícone maior, o Sambódromo.

Nos tempos contemporâneos, o carnaval deixa de ser uma grande festa nas ruas e passa a ser um teatro a céu aberto, onde ao mesmo tempo os moradores são atores e expectadores, justamente para se enquadrar na velocidade do mundo pós-moderno. O carnaval não podia deixar de sofrer essa influência por isso se transformou em desfiles (espetáculo). Foi no período pós-moderno que o carnaval obteve sua conotação de evento, que além de unir as pessoas (amigos, comunidades) em torno de um objetivo comum (organizar a festa), começa também a ser reconhecido como ponto culturalmente importante. Epifanizar as coisas, paramentá-las, oferecê-las como espetáculo é, de alguma forma, celebrar o corpo social, por meio destes pedaços de matérias, que assim se tornam elementos da cultura, que, no melhor sentido do termo, permite, funda e conforta o estar junto social.(ARAÚJO, 2003, p. 45)

Segundo MAFFESOLI apud ARAÚJO (2003), no mundo pós-moderno, a estética rege as relações sociais, inclusive regulando as atitudes éticas, mas não a estética como sentido de beleza de aparência, mas sim, como experiências que façam bem ao

ego, que seja comum para uma maioria da população e que vê o indivíduo integrante dessa experiência como alguém importante. Essa dita estética maffesolina fala da união das pessoas, o que se liga perfeitamente na estética da escola de samba, onde uma paixão em comum une pessoas todos os anos em prol de um objetivo.

Carnaval no Brasil

Junto com os colonizadores portugueses chega ao Brasil o entrudo. No Rio de Janeiro a brincadeira consistia basicamente em encher com água bacias, seringas, limões (os chamados limões de cheiro) e o que mais pudessem com água e jogar uns nos outros. Muitas vezes a diversão acabava com confusões e pessoas feridas. Embora sempre faltasse água, nos três dias em que se realizava o entrudo ela nunca faltava e os negros carregavam latas d'água na cabeça para encher limões e seringas. Em 1857 foi publicado um edital que proibia o entrudo fortemente estabelecendo uma multa de 4 a 12 mil réis ou oito dias de prisão, proibida também as máscaras das 10 horas da noite às 4 horas da manhã, porém, as proibições não foram adiante. Em 1879 um jornal insistia para que impedissem o uso das bisnagas e limões de cheiro, mesmo que isso tornasse o carnaval sem graça, mas assegurava a seus participantes a tranqüilidade e a limpeza das ruas.

A presença negra no Carnaval carioca era, na maior parte das vezes dissociável das diferentes brincadeiras do entrudo. Negros eram muitos dos mascarados, os participantes dos Zé-Pereiras, os praticantes da guerra de água. Uma das formas do Carnaval popular, no entanto, aprecia nas ruas com caráter negro ou "africano". Refiro-me aos grupos de cucumbis, presença antiga em festas públicas no país, que se tornaram na segunda metade do século XIX uma forma especialmente carnavalesca de dança dramática, que todo ano grupos de negros realizavam nas ruas do Rio de Janeiro. (CUNHA: 2001, p41)

Em 1885, as bisnagas começaram a esguichar outros líquidos como groselha, vinho, vinagre e os limões de cheiro eram cheios com perfumes. É dessa época o

desfile das sociedades carnavalescas. Em 1889 o entrudo foi definitivamente proibido pelo desembargador Espínola. Porém, o entrudo continuou a ser realizado nos anos de 1893, 1894, 1895, 1900 e 1903, quando foram criados relógios e revólveres que esguichavam água e limões de borracha. Apesar da insistência de proibição do então prefeito da cidade do Rio de Janeiro Pereira Passos, e do surgimento dos bailes, procissões e corsos, o entrudo continuava.

O século XX trouxe novos ares de civilidade para os cariocas, despertando entre os moradores um novo interesse pelas novas festas carnavalescas que ocorriam na então Avenida Central (atual Avenida Rio Branco), o corso, os bailes e os desfiles das sociedades e dos ranchos. Essas novas festas apressaram o desaparecimento do entrudo e surgem novas brincadeiras, o confete e as serpentinas substituem o limão de cheiro; e o lança- perfume, as bisnagas e as seringas. As cores e perfumes trouxeram um novo visual para o carnaval.

Paralelo a isso, no quadrilátero que constituía até 1942 pelas ruas Marquês de Pombal, Santana, Visconde de Itaúna e Senador Euzébio, próximas a Avenida Central, havia a presença da Praça XI. A Praça XI era considerada uma área de lazer onde famílias vinham passar principalmente os domingos e as crianças brincavam o ano todo. Com essa intensa movimentação e procura pela população, logo, surgiu uma vida boêmia e musical intensa ao seu redor, formada principalmente pela classe média baixa da cidade. Os festejos de momo que ali freqüentavam eram bem diferentes dos que se viam nos corsos, e bailes da Avenida. A Praça XI era considerada muito mais alegre e talvez por isso tenha surgido nos sobrados ao seu redor as primeiras gafieiras e clubes dançantes, verdadeiros redutos do samba carioca.

Acredita-se que o samba de hoje seja resultado das primeiras rodas de samba africanas na Bahia entre o final do século XVI e início do século XVII, e mais tarde com se encontrando com outros ritmos como o tango e o maxixe. Na Bahia as festas com

danças de negros escravos eram chamadas de samba, de 1538 até 1888, os escravos vinham de países e tribos diferentes, cujas culturas também se diferenciavam, seus hábitos e costumes influenciaram na cultura e na arte brasileira, principalmente na música e no carnaval.

Concebido como uma situação social específica, o carnaval propicia um abrandamento das formalidades que envolvem o relacionamento social cotidiano. Daí a identificação do ambiente carnavalesco com um contexto essencialmente "comunitário" em que se enfatiza o aspecto "de igualdade" entre os agentes sociais. Esse período de reequacionamento das relações sociais favorece a emergência de rituais que ao celebrarem aqueles aspectos "comunitários" da **experiência** social (grifo dos autores) apontam para aspectos cruciais da estrutura social Global (Cf. DAMATTA, 1974, apud LEOPOLDI, 1978)

No final dos anos 20, os governantes procuram acabar com a violência dos cordões e blocos nas ruas, e imitando os irmãos também negros dos ranchos, um grupo de sambistas resolveu formar uma agremiação que fosse respeitada e admirada, surgiu então em 1928 a Deixa Falar (Hoje Grêmio Recreativo Escola de Samba Estácio de Sá - GRES). Primeiro ela se posicionou como um bloco carnavalesco, porém procurava por uma diferenciação e denominação própria, mas tudo que conseguiu foi se intitular de rancho carnavalesco. Os cordões, blocos e ranchos têm forte influência no surgimento das escolas de samba e originada de um cordão, no mesmo ano, foi fundada a Mangueira, já com o título de escola. E no ano posterior a Vai Como Pode, que se transformou no GRES Portela, a maior detentora de títulos do carnaval carioca (com 21 títulos). Nos anos 30, a política do governo getulista procura reforçar uma identidade nacional e as escolas de samba são uma das ferramentas utilizadas. Assim surgem os primeiros concursos entre as escolas e a obrigatoriedade da sigla GRES (Grêmio Recreativo Escola de Samba), muitos historiadores apontam este período como uma cooptação do regime aos costumes culturais, mas é possível uma análise mais dialética, que as comunidades menos favorecidas também necessitavam de uma

legitimação da sua cultura e conseqüentemente da identidade e buscaram no poder público um aval e subsídios, inclusive material para sobreviverem com organizações sociais.

A crescente modernização do Rio de Janeiro fez com que suas manifestações carnavalescas servissem e sirvam até hoje como inspiração para as manifestações de outros estados, principalmente São Paulo.

Carnaval em São Paulo

Antes do samba carioca se tornar consagrado no país, a palavra "samba" em São Paulo não representava um gênero musical e sim toda e qualquer manifestação popular de lazer, onde se tocavam músicas muitas vezes de origem africana. Por esse motivo, era chamado de samba as cantorias festivas da população caipira do estado, principalmente as que os negros participavam de forma mais ativa, tais cantorias eram chamadas também de batuques.

Esses sambas eram bastante diferentes entre si e só tinham em comum a base feita por violões e violas, e pouquíssima percussão. Foi somente na primeira metade do século XX, que os diversos sambas feitos pelos paulistas foram denominados por apenas um nome, o "samba-rural". A unificação de um nome, mesmo que ainda não houvesse uma homogeneização de ritmos e características, tinha como objetivo dar mais seriedade as manifestações, porém, a classificação não teve credibilidade justamente pela irregularidade entre elas. A palavra "samba" só tinha sentido comum entre a população quando se falava dos "samba-de-bumbo", presente nas famosas festas de Bom Jesus do Pirapora, a maior manifestação popular do início do século XX.

Segundo CUÍCA e DOMINGUES (2009), o samba-de-bumbo não foi a matriz do samba paulista, pois ele é posterior ao seu surgimento, mas, teve uma grande importância para o samba que conhecemos hoje por reunir diversos tipos de samba

trazidos de diversas regiões do país. Tal samba teve início com a inclusão do bumbo nos festejos, que antes só contavam com violas, cavaquinhos, chocalhos e batidas de pé e mão.

Diz à história que, em 1725, foi encontrada numa braça do rio Tietê, apoiada numa pedra, uma bonita imagem de Jesus Cristo. Feita de madeira e medindo 1,78 metros, o presente trazido pelo rio poderia ter sido facilmente levado dali para a igreja de Santana do Parnaíba (município mais próximo) pelo carro de boi oferecido por um fazendeiro da região, mas um atoleiro da várzea arruinou a remoção. Aturdidos, os três escravos negros que tentavam transportar a imagem discutiram por horas uma maneira de resolver o problema, até que um deles, o carreiro, sugeriu uma mudança na disposição dos eixos do carro e tudo se resolveu. Foi o primeiro milagre do Bom Jesus, não pelo desencalhe, mas porque o tal carreiro era surdo-mudo. Extasiados pela sensação de terem presenciado uma verdadeira revelação divina, os três interpretaram o desencalhe e a cura como sinais de que a imagem queria permanecer ali – uma idéia bastante recorrente entre os católicos brasileiros, vale dizer – e que aquele seria um lugar santificado. O local onde a imagem foi encontrada (apelidado de “Beco do Rio Santo”) foi marcado com uma cruz e logo se passou a receber romeiros interessados no poder milagroso da estatueta e das águas do Tietê, enquanto no ponto exato do milagre foi construída uma capela. (CUÍCA; DOMINGUES, 2009, p.23)

Com o aumento da peregrinação, a capela foi substituída por uma igreja e Pirapora tornou-se um grande centro religioso freqüentado por fiéis de todo o país, principalmente na festa de Bom Jesus de Pirapora comemorada em agosto. Além de ganhar uma grande importância cultural, o milagre de Bom Jesus despertou a fé dos afro-descendentes, sobretudo após a Lei Áurea, muitos motivados pelo seu primeiro milagre, o considerando como grande protetor da raça. Com a presença dos negros na festa cristã, a cultura africana passou a fazer parte das comemorações que se tornaram eventos musicais comparados as festas de Nossa Senhora da Penha no Rio de Janeiro, berço do samba carioca.

Ao contrário do samba-de-roda baiano ou do samba carioca, majoritariamente negro, o samba-de-bumbo trazia uma participação muito representativa de caboclos e até de brancos, sobretudo desde as primeiras décadas do século XX. Era uma combinação previsível, visto que espelhava a própria estruturação racial da massa trabalhadora das fazendas paulistas. (CUÍCA; DOMINGUES, 2009, p.26)

O samba-de-bumbo tornou-se um atrativo das festas de Pirapora onde sambistas de diversas cidades se encontravam para “batucar”. Os lugares preferidos eram barracões de alvenaria que serviam de alojamento para romeiros mais pobres e ficavam distantes dos olhos da igreja, que era contra essas manifestações festivas. Os barracões serviam como liberdade de expressão a esses sambistas e também serviu de cenário para a evolução do samba visto a troca de conhecimento entre os sambistas de diversas regiões. A grande evidência que ganhou o samba-de-bumbo em Pirapora passou a concorrer com os interesses da igreja e em 1936 os barracões foram interditados, e os sambistas foram desarticulados. Nesse ano também foram proibidos os cordões carnavalescos na cidade durante a festividade.

As sociedades tiveram início em São Paulo em 1857 com a Sociedade dos Zuavos, segundo TINHORÃO apud CUÍCA e DOMINGUES (2009), seus desfiles sedavam ao som de uma banda militar, com carros enfeitados puxados por cavalos e prostitutas com figurinos luxuosos. O apelo erótico das sociedades carnavalescas paulistanas afastou as famílias do carnaval de rua da cidade e criou condições para verdadeiras orgias, que se estendiam a certos clubes em festas reservadas. As famílias paulistanas só voltariam a frequentar o carnaval de rua no início do século XX com o corso, um desfile de carros abertos em avenidas importantes da cidade, como a Avenida Paulista, pessoas com luxuosas fantasias e enfeites nas ruas também marcavam os desfiles. O corso teve sucesso até 1940, quando decorrente da Segunda Guerra Mundial, o uso de automóveis foi reduzido no Brasil. Depois da guerra a indústria automobilística preferiu a fabricação de carros fechados, acabando definitivamente com a moda dos cursos. Os cursos eram festas predominantemente brancas, em sua maioria festejada por imigrantes descendentes de espanhóis, italianos e portugueses, tinha grande influência dos bailes de máscaras europeus. Com seu

início em salões fechados, os cursos tiveram grande participação em bairros como Brás, Lapa e Água Branca

Segundo von SIMSON (2007), as principais similaridades entre os três carnavais brancos eram a realização em bairros de moradia operária e famílias de origem imigrante que com o tempo foram dividindo espaço com a média burguesia; o maior objetivo da realização dos festejos era o divertimento das famílias; as associações carnavalescas eram apoiadas pelos comerciantes e industriais dos bairros; a organização se baseava em relacionamento de vizinhança ou familiar; e os festejos dos três bairros desapareceram com o crescimento da cidade e a dispersão da vizinhança. A partir da sua extinção, as famílias brancas e os imigrantes migraram gradativamente para os cordões e escolas de samba, à medida que o carnaval era visto com mais respeito e era mais apoiado pelo poder público e altos setores da burguesia.

A cidade de São Paulo, embora capital do Estado, só se tornou referência cultural a partir de meados do século XX com a expansão populacional advinda do êxodo rural e da abolição da escravatura. A cidade era uma mistura de tradições coloniais portuguesas, afro-descendentes e européias principalmente italianas e espanholas. Porém, a elite paulistana não aceitava as influências dos imigrantes e muito menos dos recém libertos escravos. O convívio entre brancos e negros só era possível sem grandes problemas em bairros pobres da época como Baixada do Glicério Barra Funda, Brás, Bixiga, Jabaquara, Mooca, Santana e Lapa.

Com isso, no início do século XX já se ensaiava a formação de grupos carnavalescos entre as camadas mais populares da cidade, e em 12 de março de 1914 surgiu o primeiro cordão fundado pelo negro Dionísio Barbosa, o Grupo de Barra Funda. Os cordões eram festas predominantemente negras. Sua idéia de fundar o cordão teve influência dos ranchos e cordões que ele conhecera ainda na adolescência no Rio de Janeiro. Em sua primeira aparição pública, o cordão se apresentou de calça

branca e camisa verde, o que lhes deram o apelido de Camisas Verdes, nome usado para rebatizar o grupo pouco tempo depois. Porém, com medo de serem confundido com os “camisas verdes”, um grupo político severamente perseguido pelo governo de Getúlio Vargas, um delegado sugeriu a mudança do nome mais uma vez, sendo rebatizado definitivamente de Camisa Verde e Branco, cordão que se transformou em escola e existe até os dias de hoje. O Camisa Verde e Branco foi o cordão mais importante de São Paulo, motivando o aparecimento de vários outros.

Em 1930, oficialmente, surgiu o Vai-Vai, um dos únicos de maioria negra, formado no Bixiga, e logo se tornou o principal reduto dos sambistas de Pirapora na capital. O cordão cresceu bastante com a chegada dos imigrantes italianos no bairro e é o único que nunca interrompeu suas atividades. Tornou-se escola de samba em 1972 e é o maior detentor de títulos do Carnaval Paulista.

Em 1937 foi criada a Lavapés, conhecida como a mais importante escola do século XX e matriz das demais escolas de samba de São Paulo. O auge da Lavapés se deu entre 1940 e 1950 sendo referência não só musicalmente, mas também visualmente. Hoje em dia ela é uma escola pequena e devido a problemas financeiros enfrentados em 1960 até hoje não conseguiu voltar para o grupo de elite do carnaval paulista.

Em 1949, foi criada a Nenê de Vila Matilde, inspirada na escola de samba carioca Portela, inclusive nas cores. Os primeiros anos de desfiles da Nenê foram marcantes para as mudanças dos rumos no carnaval paulista, pois a escola foi a primeira a se empenhar em reproduzir fielmente o modelo carioca.

Já nos anos 60, quando os desfiles do Rio passaram a ser televisionados e os sambas-enredo comercializados em disco com grande êxito, o modelo carioca se tornou predominante em São Paulo.

Mocidade Alegre

O início dos anos 70 marcou o crescimento da Mocidade Alegre, uma escola com história diferente das outras por dois motivos: não surgiu de outra escola ou cordão e conquistou o nível de grande agremiação em pouco tempo. Criada em 1950 por Juarez da Cruz e seus irmãos sendo inicialmente um bloco pequeno com homens vestidos de mulher, foi conquistando mais adeptos no decorrer dos anos. Em 1958, o bloco saiu com o nome de Bloco das Primeiras Mariposas Recuperadas do Bom Retiro em homenagem ao prefeito da cidade e ao bairro em que eles moravam. Em 1963, já fantasiados de palhaços, desfilaram pela Avenida São João com a transmissão de rádios e exposição para toda a cidade. Em 1967, ele foi transformado em Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mocidade Alegre sendo seu primeiro presidente Juarez Cruz. A Mocidade Alegre alcançou o Grupo Especial em 1970 conquistando o tri-campeonato nos anos seguintes, foi a primeira escola de samba a introduzir destaques em cima dos carros alegóricos, adereços de mão e alas coreografadas, a escola também foi a primeira a ser convidada pelo Ministério da Cultura a representar a Cultura da Raiz Paulistana na Europa. Depois de um jejum de 23 anos sem a conquista do campeonato, a nova diretoria, presidida pela sobrinha de Juarez Cruz, Solange Cruz, conquistou três campeonatos e ficou entre as três primeiras colocadas nos outros três. No ano de 2010 a escola conquistou o vice-campeonato com o enredo "Da Criação do Universo ao Sonho Eterno do Criador. Eu Sou Espelho e me Espelho em Quem me Criou", que fez uma homenagem ao Sr. Juarez da Cruz, fundador da Mocidade Alegre, que faleceu em 2009.

A presidente Solange Cruz Bichara Resende, explica sua trajetória na Mocidade Alegre:

Estou na presidência de 2003 para o carnaval de 2004 e nessa nova gestão a gente tentou passar uma visão mais empresarial pra dentro da agremiação, logo que a gente entrou já mudei algumas coisas, montei uma própria equipe demos uma mudada na estratégia de trabalho da escola, colocamos mais pessoas jovens, tivemos várias mudanças. A reciclagem de pessoas hoje dentro da escola é muito grande, até porque hoje os pensamentos também precisam ser reciclados e é uma coisa que a gente aprendeu que na escola também precisa muito. E de lá pra cá, fazia 23 anos que a escola na o era campeã, e em 2004 ela já foi, isso facilitou um pouco com as mudanças que agente colocou aqui porque, no primeiro que você chega e coloca um monte de mudanças as pessoas se assustam, mas já vem um resultado, isso facilitou lógico para que as pessoas trabalhassem com mais afinco, acreditassem mais e hoje nos estamos ai há oito anos nessa gestão, há oito anos a Mocidade está no pódio, entre as três primeiras colocadas do carnaval de São Paulo. Nesses oito anos a Mocidade já foi campeã três vezes e a gente vem fazendo esse trabalho porque cada vez a gente perde uma peça, e em escola de samba é baseada em trabalho voluntário, as pessoas querem estar, mas não podem, fazem faculdade tem o corre-corre do trabalho, tem um monte de coisas que eu acabo perdendo uma peça que eu tenho que repor. No decorrer do ano você vai prestando atenção em pessoas que se destacam e em pessoas que podem ajudar que não tem aquela formação cultural, mas ela tem uma formação "sambística" que pode te ajudar no dia a dia e ao inverso também, pessoas que não tem visão nenhuma sambística, mas que pode agregar pra você de outra maneira. Por exemplo, esse ano a Mocidade montou um departamento de marketing, com alunos de uma faculdade, que querem fazer estágio, aquela coisa toda, na realidade eles aderiram a escola, hoje eles fazem parte do departamento de marketing, vieram pra um trabalho e acabaram ficando na escola.

Conseguimos já algumas parcerias através do departamento de marketing e eles passaram a agregar a escola, eles aderiram assim que entraram se jogaram de cabeça, é um trabalho voluntário, porém que eles nunca imaginaram viver nesse mundo totalmente diferente. As pessoas têm um julgamento de fora que só vivenciando e participando é que elas acabam notando a diferença do que é trabalhar em uma escola de samba e em outro lugar. Eu sei por que estou aqui 24 horas por dia, diferentes das outras pessoas que tem seus empregos, que fazem da escola um hobby, uma diversão. Mas a escola de samba hoje em dia tem que funcionar como uma empresa para poder sobreviver, deixou de ser só diversão. Temos metas a cumprir, prazos, entre outras coisas.

A Morada do Samba, tradicional sede e quadra de ensaios da Mocidade Alegre, foi inaugurada no dia 17 de Julho de 1970 na Avenida Casa Verde, 3.498 - Bairro do Limão - São Paulo. A Escola funciona neste espaço há quase quarenta anos. Sendo que, suas instalações são distribuídas conforme descrição retira do site oficial da Mocidade Alegre e de visitas ao local, que segue:

Portaria com Catraca (4 metros quadrados)

Bilheteria (3 metros quadrados)

Enfermaria (4 metros quadrados)

- Boutique (12 metros quadrados)
- Sala da Presidência (6 metros quadrados)
- Sala da Ala das Baianas (8 metros quadrados)
- Sala de Reuniões e Troféus (20 metros quadrados)
- Sala de Casais de Mestre-sala e Porta-bandeira (12 metros quadrados)
- Sala do Departamento Jovem (4 metros quadrados)
- Secretaria (12 metros quadrados)
- Banheiro Masculino (20 metros quadrados)
- Banheiro Feminino (20 metros quadrados)
- Dispensa (4 metros quadrados)
- Bar e Copa (24 metros quadrados)
- Área de Ensaios e Atividades Sócio-Culturais - "Terreiro" (1075 metros quadrados)
- Compartimento de Mesa de Som (elevado)
- Sala da Bateria (embaixo do palco)
- Palco (72 metros quadrados)
- Camarin (embaixo do palco)
- Casa dos Zeladores (elevado)
- Mezzanino (elevado)
- Departamento jovem

A Quadra da Mocidade Alegre funciona de domingo a domingo. São realizadas oficinas direcionadas para a comunidade, com conteúdos relacionados com o Samba, História e Cultura da escola. Entre as oficinas oferecidas estão percussão, dança e coreografia, beleza e maquiagem entre outras. A quadra recebe 700 pessoas por mês (das mais variadas idades, desde crianças até a terceira idade) para participarem destas oficinas. Mas neste artigo vamos focar nos ensaios para o desfile, que

acontecem na quadra, aos domingos, das 15 as 22 horas, a partir do segundo semestre do ano. Os ensaios tem que terminar impreterivelmente as 23 horas, para respeitar a lei do silêncio, na cidade de São Paulo. Já que a quadra está localizada próxima a muitas casas e apartamentos residenciais e não existe tratamento acústico no local.

Os ingressos têm um preço variado. Os sócios da agremiação não pagam para entrar, desde que apresentem suas carteirinhas, com a mensalidade em dia. Os ingressos custam R\$ 10,00 e também existe a opção de compra de camarotes, que acomodam até 10 pessoas, que custam R\$ 300,00 (fora as entradas). Mesas para quatro pessoas R\$ 40,00 (fora as entradas).

Uma escola de samba tem basicamente três espaços distintos de organização: o barracão, local onde são construídas as alegorias, carros alegóricos e as fantasias. No Rio de Janeiro este espaço pode ser visitado por turistas, na Cidade do Samba, mas em São Paulo, estas estruturas funcionam ainda precariamente sob viadutos e outras áreas públicas e não são espaços concebidos para visita turística. Existe um projeto de construir um local, em São Paulo para abrigar todos os barracões das escolas: a Fábrica do Sonho, mas o projeto ainda não saiu do papel.

A quadra da escola de samba é o espaço onde existe maior interação entre anfitriões e visitantes e com maiores possibilidades de participação em uma experiência cultural relacionada com o samba.

As escolas realizam festas durante todo o ano e no caso específico da Mocidade, a escola tem estrutura para receber turistas em todos os horários e dias, desde que a visita seja pré-agendada, com duas horas de antecedência.

Mas, é no segundo semestre, com a disputa dos sambas, que vão representar a escola no ano seguinte, que os ensaios ficam mais animados. Com o início do verão a

escola realiza uma “feira” de fantasias, para que os interessados em desfilarem possam escolher em qual ala gostariam de sair com a escola.

Mas, nos ensaios a grande atração é a bateria, no caso da Mocidade Alegre, a bateria é comandada por Mestre Sombra, que rege aproximadamente 250 ritmistas. O som alto dos instrumentos mexe com os sentidos e evoca a ancestralidade do samba. Mesmo para turistas estrangeiros, que não dominam a língua portuguesa, a linguagem dos tambores proporciona uma experiência única.

Outro momento de muito encantamento é o desfile das escolas de samba, nos dias do Carnaval, em São Paulo, na sexta e sábado e no Rio de Janeiro, no domingo e segunda-feira. Uma expressão muito comum usada para definir o evento é “O Maior Espetáculo da Terra”. Também são comuns frases como: “essa é uma experiência única (desfilar, assistir ou desfilar/ assistir) ou ainda você tem que fazer isso uma vez na vida.

Há muito uso do termo cultura, mas, em geral o turismo cultural inclui visitas, na condição de turista, a patrimônios (a museus, catedrais e igrejas, castelos e casa históricas) a locais de exposição de artes visuais (galerias de arte) e apreciação de artes performáticas em teatros e salas de concertos. Esse tipo de arte inclui peças teatrais, musicais, ópera, balé e orquestras, que com frequência, são referidos apenas como artes. Estudos sobre o turismo cultural omitiram algumas das formas mais populares de artes performáticas, que podem ser chamadas de entretenimento, com shows de variedades e o cabaré, em que se viam cantores comediantes, mágicos, ventríloquos e dançarinos e os concertos de rock e pop. (HUGHES, 2004 p5)

Trouxemos essa definição de Hughes para tentar adequar o desfile das escolas de samba a um conceito relacionado com cultura e turismo. E o termo mais próximo encontrado foi arte performática, mas a complexidade dos desfiles das escolas de samba suscita várias discussões. Uma delas está relacionada à produção do desfile, todas as fantasias e carros alegóricos são confeccionados artesanalmente, o que transforma o evento em uma grande mostra de artesanato, com as mais diversas competências, costura, pintura, escultura em madeira, gesso, ferramenteiros,

eletricistas, desenhistas. Este trabalho artesanal se estende inclusive aos músicos da bateria.

O espetáculo também traz semelhanças com uma ópera ao ar livre ou uma mega apresentação de teatro, mas também é uma performance de dança e apresentação musical. Estes elementos levariam uma classificação ligada a arte, mas concomitantemente o desfile é uma das mais representativas manifestações da cultura popular brasileira. Mas o evento também tem aspectos de mega produção, com patrocínios que chegam a R\$ 5 milhões por escola de samba e ainda cobertura da mídia e verbas publicitárias e de marketing de mais de uma centena de empresas.

As escolas de samba, nascidas nos morros e subúrbios cariocas, ocupam hoje com seu desfile o centro de uma festa espetacular. Esse percurso tem sido frequentemente interpretado por uma ótica que opõe uma origem autêntica e genuinamente popular a uma descaracterização trazida pelo desenrolar do tempo. Por trás da beleza de um desfile, a crescente comercialização de seu processo e ampla participação de segmentos sociais conspurcariam tenazmente a pureza das escolas. Essa visão que valora sem compreender, sempre me provou grande insatisfação. Essa interpretação enaltece alguns aspectos do processo cultural de um desfile – como sua dimensão festiva e comunitária – e exclui da análise outras dimensões igualmente importantes, como a comercialização e seu caráter espetacular por exemplo. (CAVALCANTI, 2006 p 24).

Valeria entender o desfile das escolas de samba como uma possibilidade de uma “arena de mediação” entre os vários setores da sociedade.

Quando a análise enfatiza as idéias de processo e de mediação, as escolas de samba são vistas como promotoras de “uma sistemática integração das classes em seu desfile altamente complexo. (DAMATTA, 1979, p 96 apud CAVALCANTI, 2006, pg. 30)

Com sua característica multifacetada e mecanismos culturais vivos e dinâmicos os ensaios na quadra das escolas de samba e o desfile nos dias de carnaval traduzem um momento de experiência única para os turistas. Com toda a complexidade e gigantismo (a Mocidade Alegre desfila com aproximadamente 3.000 componentes e 5

carros alegóricos) o evento tem ainda duas peculiaridades é ao vivo e tem um encantamento que só vai acontecer naquele momento e nunca mais será repetido.

Estes são momentos que com certeza tem atraído cada vez mais turistas para participarem do Carnaval Brasileiro. O Jornal Panrotas⁴ ano 17 – edição nº 899, de 23/02 a 1/03 de 2010, trouxe uma análise que chama atenção, 730 mil turistas passaram o Carnaval no Rio, 40% deles era estrangeiros, a média de ocupação dos hotéis foi de 94%, a renda gerada pelos visitantes foi de R\$ 528 milhões. Os números também são animadores em São Paulo, R\$ 51 milhões de movimentação com o turismo, um aumento de 13,3% em relação a 2009 e o setor gerou 25 mil empregos diretos e indiretos.

O que buscaram os 30 mil turistas que visitaram a cidade de São Paulo no Carnaval? Com certeza também vieram para compras, aproveitar outras atrações culturais da cidade, os equipamentos hoteleiros com preços mais convidativos. Mas boa parte deles teve contato com as escolas de Samba, no sambódromo e nas quadras. E tiveram contato com questões ancestrais ligadas a cultura negra, ouviram o som das baterias, ficaram encantados com os carros alegóricos e as fantasias e tiveram uma experiência única com ênfase em diversão e lazer.

O espaço de lazer, tanto quanto espaço cultural, é um espaço social onde se entabulam relações específicas entre seres, grupos, meios e classes. Este espaço é determinado pelas características da população que utiliza, pelo modo de vida dos diferentes meios sociais que frequentam. Deverá ao mesmo tempo respeitar, desenvolver as diversidades culturais deste indivíduo para escapar à uniformização, à padronização, ao tédio social. Deverá também reduzir as diferenças, as disparidades, os desequilíbrios culturais que privam algumas esferas sociais de tudo o que a cultura urbana poderia lhes proporcionar. (DUMAZADIER,1999 p169)

A pesquisadora Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, em seu livro Carnaval Carioca – dos bastidores ao

⁴ Importante periódico do trade turístico com publicação quinzenal existente no mercado há 17 anos.

desfile, traz um capítulo sobre A troca Agnóstica: Dom e Sociação, onde ela aproxima as questões do Dom e Dádiva, de Marcel Maus, dos desfiles das escolas de Samba e traz o conceito de fato social, com as possibilidades de trocas

Como toda a competição, o desfile revela com clareza a ambivalência intrínseca à reciprocidade social: relacionar-se é também confronta-se. Por meio de uma sofisticada forma estética e ritual, o desfile das escolas de samba articula de modo próprio esse princípio social geral. A natureza festiva e agnóstica do confronto ente as escolas, realizado através da encenação anula dos enredos, define a natureza própria do desfile como ritual carnavalesco. (CAVALCANTI,2006 p 31).

As questões relacionadas ao Dom e a Dádiva remetem ao estudo da hospitalidade e traçam um caminho sobre a experiência do turista nos ensaios e desfiles das escolas de samba. O que os que visitam buscam é um ritual de celebração e integração e inversão de papéis, nem seja só nos dia de Carnaval.

Como afirma Camargo discutindo o conceito de hospitalidade, relacionado a encontro e comunicação e que pode revelar muito da experiência dos turistas com o mundo samba.

A hospitalidade é um processo de comunicação interpessoal, carregado de conteúdos não-verbais ou de conteúdos verbais que constituem fórmulas rituais que variam de grupo social para grupo social, mas que no final são lidas apenas como desejo/recusa de vínculo humano. (CAMARGO, 2004. p.31)

Considerações Finais

Neste artigo não abordamos sérios problemas que rodam o "mundo do samba, pois este não era o foco da discussão, mas não fechamos os olhos para as questões que atormentam os sambistas, a aproximação do crime organizado (tráfico, jogo e violência, que demarca territórios) são mais comuns no Rio de Janeiro, mas é uma situação que as escolas de São Paulo estão sujeitas. Já em São Paulo, as escolas tem problemas com a mistura, as vezes violenta entre samba e futebol. E mais perguntas

que devem ser abordadas por outros trabalhos, com a dependência do Estado, glamour do camarotes X autenticidade e muitos outros aspectos.

O mais interessante e que independente, dos problemas e ajustes que cercam as escolas de samba e o desfile, o encantamento com a manifestação cultural dura mais de 80 anos.

Esta manifestação cultural, oriunda das classes menos favorecidas, composto por trabalhadores de serviços braçais, imigrantes e principalmente afro-descendentes, sofreu muito preconceito no seu início, ainda mais que sempre houve uma associação natural entre o samba e os rituais religiosos como candomblé e a umbanda, e essas manifestações religiosas foram duramente reprimidas. As escolas passaram por um período de afirmação e atualmente são uma manifestação intrinsecamente relacionada com a identidade brasileira e por isso se renovam anualmente e são uma experiência única para os turistas. O momento de hospitalidade vivido pelos anfitriões e visitantes nas quadras, sambódromo ou nas ruas das metrópoles e outros espaços de convívio são a prova da força de uma cultura e do desejo de convivência sem preconceito, numa celebração pública que conviver com as diferenças é um desejo inexorável da condição humana e o turismo, tem que ser uma ferramenta importante para essa integração.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Hiram. *Carnaval: seis milênios de historia*. Rio de Janeiro: Annablume, 2003.

CAMARGO, Luiz Octavio de Lima. *Hospitalidade*, São Paulo: Aleph, 2004

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval Carioca – Dos bastidores ao Desfile*, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 3ª. Edição revista e ampliada

CUÍCA, Osvadinho da. DOMINGUES, André. *Batuqueiros da Paulicéia: enredo*

do samba de São Paulo. São Paulo: Barcarolla, 2009.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1980 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DUMAZEDIER, Jofre. *Sociologia Empírica do Lazer*, São Paulo: 1999.
Perspectiva/SESC

LEOPOLDI, José Sávio. *Escola de samba, ritual e sociedade*. Petrópolis, Vozes, 1977

SEBE, Jose Carlos. *Carnaval, carnavais*. São Paulo: Ática, 1986.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. *Carnaval em branco e negro: carnaval popular paulistano, 1914-1988*. Campinas: UNICAMP, 2007.

SOUZA, Thalyta dos Santos, trabalho de conclusão de curso, bacharelado em hotelaria, Centro Universitário SENAC. *Análise e perspectivas dos desfiles das escolas de São Paulo*, 2009, São Paulo orientado por Fernando Estima de Almeida e Maristela Souza Goto Sugiyama